O Barão de Studart e a Academia Cearense de Letras

MANOEL ALBANO AMORA

O Barão de Studart é o Nume Tutelar da Academia Cearense de Letras.

No meio de tantos varões insignes, Tomás Pompeu, Pedro de Queirós, Waldemiro Cavalcanti, Raimundo de Arruda, Álvaro Mendes, Farias Brito, Antônio Augusto de Vasconcelos, José Carlos Júnior, Virgílio de Morais, José Domingues Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Francisco Alves Lima, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonino Fontenele, Antônio Teodorico da Costa, Álvaro de Alencar, Padre Valdevino Nogueira, Henrique Théberge, Justiniano de Serpa e Rodrigues de Carvalho, o seu vulto se destaca, em uma auréola de imortal grandeza.

Como criador e constante animador da tradicional instituição, é êle o Richélieu, o Duque de Lafões ou o Machado de Assis da nossa província.

A fundação do admirável sodalício em Fortaleza, a 15 de agôsto de 1894, foi devida à iniciativa e aos esforços do festejado autor de "Notas Para a História do Ceará".

Guilherme Studart, o futuro titular da Santa Sé, em palestras nas mais afamadas livrarias àquela época existentes na cidade, a de José Joaquim de Oliveira & Cia. e a de Viúva

Guálter & Filho, e no Passeio Público, dirigiu os convites a eminentes homens de pensamento, visando à consecução do louvável objetivo. No seu solar do Calçamento de Messejana reuniu depois os companheiros de ideal, em sessões preparatórias à de 15 de agôsto, sendo que esta se realizou no salão nobre da Fenix Caixeiral, sediada à Rua do Major Facundo, nº 2, esquina da Misericórdia, no prédio também ocupado pelo Hotel de France, em cujo segundo andar surgiu para gloriosos destinos a Academia Cearense.

Diante do velho logradouro que Graça Aranha descreveu em uma página célebre, bem próximo do local das reuniões amistosas e eruditas que Rocha Lima cognominou de **Academia Francesa**, nasceu a mais antiga academia de letras do Brasil atual.

A denominação **Academia Cearense**, adotada de preferência a Centro d'Estudos Científicos, denota, sem duvida, a preponderância francesa, na escolha. Mas, se assim acontecia quanto ao nome, com respeito aos fins da sociedade igual conclusão não é admissível, pois ela parece ter tido como modêlo a Academia das Ciências de Lisboa. Se a sábia corporação lusitana conta com seções de ciências e de letras, a cearense, na sua primeira fase, era dividida em comissões de equivalentes finalidades, que a tornavam eclética, conforme salientou Renato Braga em fulgurante discurso. Os artigos e ensaios lidos pelos acadêmicos versavam temas científicos e literários. Propunha-se também a entidade a contribuir para o desenvolvimento da instrução pública, tal a protegida de Dom João IV, que tratava de modo direto do problema da vacina, merecendo de Fidelino de Figueiredo, em "Literatura Portuguêsa", o conceito de que "o objetivo da Academia não era restritamente especulativo; propendia também a exercer influência prática de educação e fomento". Não mudara a feição da instituída na Princesa do Norte o alvitre francófilo de Álvaro de Alencar, de que as cadeiras tivessem patronos, seguido da doação do livro "Nos Academiciens" (Portraits et biographies), de Jules Martin.

A sessão inicial não pôde contar com a presença do então jovem escritor. Não é conhecido o motivo dessa omissão. Na mesma data, porém, foi êle escolhido presidente da mesa provisória, entregando a 22 de agôsto a direção da casa a Tomás Pompeu, eleito presidente efetivo. Passou, a 16 de abril de 1895, a exercer o cargo de 1º secretário, designado pelos votos dos seus pares para a vaga ocorrida com a renúncia de Waldemiro Cavalcanti, ocupando o pôsto até 1901, em virtude de sucessivas reeleições. E' evidente que não pretendeu fôsse sua a primeira poltrona, procedendo sem discrepância da atitude que assumira no Instituto do Ceará com relação a Paulino Nogueira.

As funções dos secretários, previstas no art. 12 dos Estatutos, consistiam na lavratura e leitura das atas das sessões, preparação da correspondência interna e externa, noticiário das ocorrências relevantes e guarda e conservação dos manuscritos, impressos e quaisquer outros documentos ou objetos do arquivo. Raimundo de Arruda, 2º secretário, executava elegantemente a primeira parte, e o Barão de Studart, 1º secretário, as demais, com verdadeiro devotamento. Na sua secretaria era o elemento dinâmico, o responsável pela movimentação e os notórios progressos do grêmio ilustre.

Durante sete anos de vida ativa, a Academia realizou cento e quinze sessões. O Barão de Studart compareceu a cento e quatro, presidiu a três e, na ausência do seu colega Arruda, cujas faltas coincidiam com as aulas que ministrava em diversos estabelecimentos de ensino, lavrou trinta e cinco atas.

As Comissões de ciências biológicas — higiene e médico-farmacêuticas (2a.), de ciências sociológicas - economia política, estatatistica, demografia, geografia e história (5a.) e de ciências em geral, filosofia, história das ciências (8a.) o tiveram como diligente membro.

A atividade acadêmica do indiscutível líder pode ser classificada de invulgar, naquela quadra, fecunda em inteligências, da Terra da Luz.

A mais espontânea prova de ousadia em face das tarefas

difíceis e de segura orientação cultural foi oferecido quando, a 1 de outubro de 1895, êle expôs o plano de sua autoria, destinado à elaboração de um livro grandioso sôbre o Ceará, que deveria constar de 24 capítulos, distribuídos pelos componentes do corpo social, de acôrdo com as aptidões de cada um. A proposta recebeu aprovação unânime e entusiástica. O excelente esbôço, posteriormente enfeixado em folheto, sem as modificações introduzidas por Tomás Pompeu, que o converteram depois no projeto definitivo intitulado "O Ceará em 1896", era o seguinte:

"1° — Potamografia, orografia e outras indicações geográficas — A. Fontenele.
2° — Topografia, cidades, vilas, povoações — Álvaro Alencar.
3° — Geologia e mineralogia — A. Bezerra.
4° — Flora e Fauna — H. Théberge.
5° — Climatologia. Moléstias reinantes. Estatísticas demografo-sanitárias — Luna Freire.
6° — Território, população, nascimentos, casamentos, óbitos — Arruda.
7° — Agricultura, indústria e viação — Teodorico.
8° — Comércio e navegação — Ed. Studart.
9° — Bancos e Instituições de crédito. Companhias e sociedades anônimas — Bilhar.
10° — História Financeira do Ceará — Virgílio de Morais.
11° — Imprensa, suas fases e influência — J. de Serpa.
12° — Instrução Pública — Barcelos.
13° — Instituições Jurídicas — Drumond.
14° — Organização política — Alves Lima.
15° — Folclore. Tradições. Provincialismos — J. Carlos.
16° — Organização militar do Ceará, Leis e Decretos que regem a matéria. Estabelecimentos militares — Marcos Franco.
17° — Divisão Eclesiástica. Estabelecimentos pios. História Eclesiástica do Ceará — Valdevino.

18º — O município. Sua vida e seu desenvolvimento orgânico no antigo e no novo regime — Waldemiro Cavalcanti.
19º — História das epidemias do Ceará — E. Salgado.
20º — Arte antiga e moderna — Pedro de Queirós.
21º — Ciências e letras, sua evolução e estado atual — Farias Brito.
22º — Histórico das sêcas. Meios de obviá-las. Açudagem. Arborização — Álvaro Mendes.
23º — Emigração. Imigração. O Ceará na Amazônia — Th. Pompeu.
24º — Esbôço da História do Ceará — G. Studart."

Com irreprimível vocação de historiador, divulgou o Barão de Studart, em diferentes datas, para conhecimento e apreciação dos seus confrades, preciosos documentos, conseguidos ao preço de demoradas pesquisas, de grande utilidade para o esclarecimento de pontos obscuros dos dias remotos da gleba comum. Foram velhos papéis alusivos às lutas de Montes e Feitosas, cartas corográficas do Ceará, inéditas, portuguêsas, aquarelas representando as embarcações que vieram ao Brasil no tempo de Pedro Álvares Cabral, uma declaração firmada em 1801 por Bernardo Manuel de Vasconcelos sôbre a questão de limites com o Rio Grande do Norte, cartas de Martim Soares Moreno, dos padres Antônio Vieira e Manuel Gomes, de Baltasar João Correia, de Manuel de Sousa, do Marquês de Aracati, do Dr. Marcos Antônio de Macedo, cartas de ordens de Gaspar de Sousa, sesmarias, memórias e relatórios de governadores e presidentes. A extensão do litoral da terra alencarina, o local em que caiu assassinado o padre Luís Figueira, o primitivo povoamento e a defesa do Ceará colonial, a identidade do nobre João Carlos Augusto de Oyenhausen, a sonhada canalização entre os rios São Francisco e Jaguaribe estiveram compreendidos entre os assuntos mencionados nesses escritos de inestimável valor.

Nas brilhantes e proveitosas sessões, soube prender a aten-

ção dos colegas, lendo trabalhos de sua pena — "Montes e Feitosas", "Patologia Histórica Brasileira", "Martim Soares Moreno, vulto preponderante da História do Ceará", "Padre Antônio Vieira", "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense", e tecendo comentários em tôrno de um caso de angina diftérica, higiene escolar, as irregularidades do obituário, as opiniões de Henry Cordien e Schlegel de que o Fousang é a America, a rebelião dos Negros de Palmares e a inverdade do suicídio de Zumbi, a "Memória Descritiva do Ceará, atribuída erradamente ao Eng. Silva Paulet" e a personalidade de José Artur Montenegro.

Em vários ensejos, no seio da nobre companhia, leu produções alheias, como "Aspectos da Arte Colonial Brasileira", de Cunha Barbosa, "O nome Ceará", de Antônio Bezerra, "A Etimologia da palavra Ceará", do Prof. Ihering, "Escorço Biográfico do Visconde de Taunay", de José Artur Montenegro, além de impressões de viagem de um touriste estrangeiro a respeito da Capitania, excertos referentes ao Ceará Holandês, de uma revista editada no Rio de Janeiro, e o estudo de um cientista alemão tratando da fossilização do Brasil.

Diversas comunicações, de real interêsse, teve oportunidade de fazer, inclusive a de que José Artur Montenegro começara a escrever as biografias dos heróicos generais Tibúrcio, Sampaio e Figueira de Melo, do achado de um soneto do Padre José Martiniano de Alencar, da realização do Congresso Internacional de Paris de 1897, da existência de um aerólito encontrado na Serra da Joaninha, da remessa ao Ministro das Relações Exteriores de um mapa do Contestado Franco-Brasileiro e de cartas enviadas ao governador do Pará e a El-Rei sôbre a dita controvérsia, da aquisição pelo livreiro londrino Bernard Quaritch de inúmeros documentos relativos à invasão holandesa, constando de alguns deles a grafia Siará.

Propôs que fôssem comemorados condignamente os centenários do Descobrimento do Brasil, do feito marítimo de Vasco da Gama na Índia e da morte do Padre Antônio Vieira e o ingresso no cenáculo, na categoria de correspondentes, dos no-

táveis historiadores, geógrafos, sociólogos, juristas, naturalistas e polígrafos José Artur Montenegro, Sacramento Blake, Cunha Barbosa, Tristão de Alencar Araripe, Visconde de Taunay, Clóvis Bevilaqua, Henrique Raffard, Capistrano de Abreu, Barbosa Rodrigues, Barão de Capanema, Moura Brasil, Visconde de Sabóia, Álvaro de Oliveira, Jaime Constantino de Freitas Muniz, Luís Leopoldo Flores, José Clementino Souto, Francisco Segui, Jacob Larrain, José Inácio Garmendia, Manuel Landaeta Rosales, Theófilo Rodriguez, Carlos Gagini, Alberto Membreno, Juan José de Castro, Pedro M. Rivière, Francisco Bauzá, Mariano A. Pelliza, Padre Fidel Fita e Roberto Duro.

Ofereceu à biblioteca, generosamente, um acervo composto de "Relação dos Manuscritos que constituem a Coleção Studart", fasc. 2º, "Datas e Fatos para a História do Ceará", vols. 2º e 3º, de sua lavra, "Descrição da Cidade do Crato", de Gustavo Figueiredo, "Album de la Guerra del Paraguay", "Carta do Ceará", de José do Vale Feitosa, "Planta da Lagoa Rodrigo de Freitas", "Mapa do Canadá", "Discurso do Dr. José Inácio Tosta no Congresso Nacional de Agricultura", "Um parecer perante uma comissão", do Padre Pedro Hermes, "Os Donativos à Sociedade de São Vicente de Paulo por motivo da sêca de 1900", "Bulletin de la Societé de Géographie de Paris", trinta e sete folhetos, um número considerável de jornais e revistas publicados no Ceará, em distantes localidades brasileiras, em Portugal, na França e na Grã-Bretanha, bem como anais e estatutos.

Na qualidade de representante de José Artur Montenegro, teve o encargo de transferir à mesma livraria as obras "Biografia de José E. Dias, por Silvano de Godoi, anotada por J. Artur Montenegro" e "Carta Geral do Rio Grande do Sul", lançadas à publicidade pelo distinto arraialense.

Por ocasião da passagem do Tricentenário da Chegada dos Primeiros Portuguêses ao Ceará, em 1903, mandou cunhar uma medalha comemorativa, em alumínio, na qual está contida uma inscrição atinente à Academia Cearense, ao lado de

duas concernentes ao Instituto do Ceará e ao Centro Literário.

Outros serviços, de alto mérito, devem ser considerados os que prestou à "Revista da Academia Cearense de Letras", primitivamente denominada "Revista da Academia Cearense". Nomeado para dirigi-la, juntamente com Pedro de Queirós e Henrique Théberge, a 11 de junho de 1896, a ela se entregou sem descanço, tomando a si as incumbências de aquisição e seleção das colaborações, de revisão e de intercâmbio. O primeiro fascículo circulou no mesmo ano de 1896. Até 1914, apesar de encerradas as reuniões oficiais dos acadêmicos a 6 de dezembro de 1901, a respeitável revista, graças à força de vontade do seu redator principal, continuou a ser o regalo dos bibliófilos e dos pesquisadores, dos amantes das belas letras e das pessoas dadas aos estudos sérios.

No precioso anuário estão conservados, para admiração dos contemporâneos, numerosos artigos e notas redigidos pelo excelso Barão. São "Patologia Histórica Brasileira. Documentos para a história da pestilência da bicha ou males", "Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará", "O Jesuíta Antônio Vieira", "A idéia republicana no Brasil, pelo Dr. José Domingues Codeceira", "Descobrimento do Brasil. Estudo analítico do Almirante J.J. da Fonseca", "A Morféa", "Pequeno Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense", "O Pe. Martim de Nantes e o Coronel Dias D'Avila", "Um Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa", "Livros, Revistas e Jornais oferecidos à Academia Cearense", "História Portuguêsa e de outras províncias do Ocidente, escrita em trinta e uma Relações por Manuel Severim de Faria. Publicada e anotada pelo Barão de Studart", "Duas Memórias do Jesuíta Manuel Pinheiro", "Resenha de Cartas e Mapas do Ceará. Ligeira notícia dos seus autores", "Dr. Cunha Barbosa", "Inéditos do Pe. Antônio Vieira", "Barão de Capanema", "Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará", "Datas e Fatos Para a História do Ceará. Séculos XVII-XVIII", "Usos e superstições cearenses", "Um documento para a história da mulher

cearense", "Jornais Cearenses do Quatriênio", "Datas e Fatos Para a História do Ceará", "Oto A. Silva através de sua correspondência", "A Diocese do Ceará" e "Os Mortos da Academia em 1914".

Essas composições, simples na aparência e importantes no conteúdo, representam, na maioria, um tesouro, em que se acumulam ricas informações sôbre o passado. Nelas, um médico ilustrado, conhecedor da sua arte, mostra-se capaz de receber os lauréis que o culto da história lhe confere, pelo fiel registro dos fatos de antanho, como que possibilitando a missão do intérprete, seu sucessor.

Para imprimir as monografias e as pequenas brochuras que a sua capacidade de observação e a paciência de que era dotado lhe permitiam elaborar, e as revistas da Academia e do Instituto, instalou o Barão de Studart a "Tipografia Studart", à Rua Formosa, nº 46. A oficina recebia encomendas do público, servindo a contento à Camara Municipal e outras repartições, mas não se afastava das suas obrigações primordiais.

Em 1901, com o dealbar do século vinte, teve início um longo período de indiferença, que se prolongaria até 1922. Recomposta a Academia, no ano do Centenário do Grito do Ipiranga, sob os auspícios de Justiniano de Serpa, o Barão de Studart nela figurou como ocupante da cadeira nº 15, patrocinada por Paulino Nogueira, e como Vice-Presidente, não havendo sido estranho à redação das normas estatutárias, consequentes do acontecimento, consoante está documentado na "Coleção Studart".

A reforma processada em 1930 não o incluiu no elenco dos sócios efetivos, mas no chamado "Quadro de Honra".

A fusão com a Academia de Letras do Ceará, a 10 de maio de 1951, determinando alterações substanciais no Regulamento, colocou sob o seu enobrecedor patrocínio a cadeira nº 11.

Certa vez, na Casa de Juvenal Galeno, o consagrado Leonardo Mota, fazendo alusão ao Heródoto nordestino, chamou-lhe de "benemérito paladino das nossas letras que, sòzinho e

desajudado quase, há dezenas de anos vem sendo o obreiro único da nossa boa fama, numa pasmosa correspondência efetiva com o Brasil todo, garantia única do nosso intercâmbio espiritual". Palavras de justiça foram essas, que valeram tanto como um solene elogio.

Fundador e servidor perseverante da Academia Cearense de Letras, o Barão de Studart tem direito a estes dois títulos, que devem ser acrescentados a quantos haja conquistado no convívio dos seus concidadãos.

E a Academia Cearense não se ufana de uma glória mais pura do que a de ser filha dileta do idealismo, da energia e da dedicação do ínclito patrício de Dom Pedro II e de Rio Branco.

NOTA — Serviram de fontes para êste trabalho o Livro de Atas da Academia Cearense, aberto a 15.8.94 pelo 2º secretário, Raimundo de Arruda, a "Revista da Academia Cearense" (coleção), o testemunho do único sócio fundador sobrevivente, Dr. Francisco Alves Lima, sôbre detalhes da fundação, e informações do Eng. Luís Marinho de Albuquerque Andrade, a respeito da localização da sede da Fenix Caixeiral.